

Teatro

25, 26 de maio 2012

Espectáculo integrado no alcantara festival

Big Bang

de Philippe Quesne / Vivarium Studio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Conceção, encenação e cenografia Philippe Quesne **Com** Isabelle Angotti, Rodolphe Auté, Yvan Clédát, Jung-Ae Kim, Sylvain Rausa, Émilien Tessier, César Vayssié, Gaëtan Vourc'h
Colaborações artísticas e técnicas Yvan Clédát, Cyril Gomez-Mathieu **Extratos musicais** Aki Onda, J.S. Bach, Flowers from the man who shot your cousin, André Prévin, Aphex Twin, Elmer Bernstein, Armando Trovaioli, REQ, Howe Gelb, Purcell... **Produção** Vivarium Studio **Coprodução** La Ménagerie de Verre, Hebbel am Ufer, Festival d'Avignon, Kunstencentrum Vooruit, Internationales Sommerfestival Hamburg, Les Spectacles vivants - Centre Pompidou, Théâtre de l'Agora Scène nationale d'Evry et de l'Essonne, NXTSTP (com o apoio do Programa Cultura da União Europeia), Festival Baltoscandal, Rotterdamse Schouwburg **Apoio** Região Île-de-France e CENTQUATRE A companhia Vivarium Studio é apoiada pela DRAC Île-de-France, Ministério da Cultura · Com o apoio de Institut Français - Ministérios dos Negócios Estrangeiros e Europeus **Estreia** HAU, julho de 2010, Berlim

Sex 25, sáb 26 maio
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M12

Big Bang é a criação de Philippe Quesne / Vivarium Studio que se seguiu a *L'Effet de Serge* e *La Mélancolie des dragons*, vistos na Culturgest em 2009. Reencontramos o seu teatro laboratorial que se empenha em modificar as convenções do género e cria um universo de contornos incertos, oscilando entre real e artificial, sonho e matéria. *Big Bang* toma a forma de uma sucessão de quadros, nos quais um pequeno grupo de indivíduos desenvolve a sua teoria da evolução, marcando as ruturas, as invenções, as extinções, assim como as mais estranhas mutações. *Big Bang* oferece a experiência da realização cénica a fazer-se, montando e desmontando as engrenagens da ilusão nascida da imagem teatral bonitinha.

Uma epopeia plástica, poética e fantástica, do plâncton ao pós-moderno.

Entre os temas das peças, encontramos o homem confrontado com o seu dever ameaçado, a impotência face ao mundo que avança. Também o tema da criação ao pôr em cena comunidades artísticas, seja em *La Mélancolie des dragons*, seja em *L'Effet de Serge* com o seu artista sozinho em casa com as suas invenções. Pode também realçar-se a questão da liberdade artística e do recurso à poesia num mundo cujo domínio económico e político começa a escapar-nos. Se a expressão "*Big Bang*" se refere à criação do universo, é também uma derisória onomatopeia de banda desenhada.

Philippe Quesne

Entrevista com Philippe Quesne

Diz-se que constrói os seus espetáculos a partir do título.

É verdade. Com os artistas do Vivarium Studio, damos início a uma criação como se fôssemos espectadores do nosso título. Isso abre-nos um tema a partir do qual experimentamos cenas. [...]

Big Bang é ecocatastrófico?

Big Bang pode, com uma violência invisível, evocar a catástrofe, mas a peça também evoca um mundo em devir onde tudo pode ser reinventado se quisermos assumir a responsabilidade.

Os seus espetáculos são ultravisuais.

Tenho uma formação em artes plásticas que faz naturalmente parte da escrita dos meus espetáculos, ao mesmo nível que o texto, as presenças, os objetos, a luz, o som, etc. É talvez por isso que *Big Bang* deixou perplexo o público de Avignon. Tem uma forma de abstração, *Big Bang* possui menos a aparência de uma fábula comparado com *L'Effet de Serge*, onde há a falsa sensação de poder seguir uma personagem.

Refuta a encarnação das personagens...

Não me apetece fazer teatro com as questões dramáticas tradicionais de conflitos, pressões, encarnação psicológica de personagens... É possível construir teatro sem esses recursos. No Vivarium Studio nunca falamos disso, não “fazemos de...” Dou em vez disso listas de ações e de deslocações.

Componho uma partitura combinando atores, factos, deslocações, ritmos, cores, objetos, texto, som... Tento trabalhar com simplicidade, com materiais precários ancorados no real, como o cenário de *Serge*: um apartamento resumido a uma alcatifa e uma mesa de pingue-pongue.

Simple mas espetacular em cena: um carro, botes pneumáticos...

Também são produtos fabricados. Os barcos reenviam para a ideia de lazer e de férias, mas também para a de naufrágio. Desde a sua aparição sobre a terra, o homem torna-se rapidamente consciente do seu destino de naufrago. O carro é um objeto de deslocação e ao mesmo tempo encarna a possibilidade de acidentes. Objetos perfeitos para contar o mundo em *Big Bang*.

E sobre a música?

Em todas as nossas peças há música continuamente. A música instaura atmosferas. Em *L'Effet de Serge*, comer uma pizza enquanto se ouve piano cria um estado diferente da mesma cena onde o ator comesse a sua pizza ao som de uma sinfonia ou de Michael Jackson. Em *Big Bang*, uma cena de mambo evoca a nostalgia de um mundo em desuso. Com efeito, a música pode encarnar estados psicológicos sem que isso recaia sobre o ator.

Nurten Aka,
Agenda, 21 de outubro de 2011



© Martin Argyroglo Callias Bey



Em 2003 fundei a associação Vivarium Studio afim de conceber e encenar as minhas próprias criações e interrogar o teatro como arte de *assemblage*, uma arte heterogênea. O meu primeiro espetáculo, *La Démangeaison des ailes*, foi inventado com um grupo de trabalho composto por atores, artistas plásticos, um bailarino-músico, um chefe de produção de cinema e um cão. Enriquecida por esta primeira aventura, a experiência prolonga-se faz agora oito anos com os mesmos colaboradores, aos quais se juntam pontualmente convidados ou figurantes, que vêm enriquecer em França ou no estrangeiro cada uma das nossas criações.

Desde a minha primeira peça, os meus projetos colocam em relação um tema e um modo de narração apropriado: o desejo de voar e a queda (*La Démangeaison des ailes*), a hebetude face aos riscos do futuro (a série *Des Expériences*), as ameaças ambientais e a nossa incapacidade de remediá-las (*D'après nature*), a capacidade de o ser humano ser artista e inventar (*L'Effet de Serge*, *La Mélancolie des dragons*, *Big Bang*). Considerando que o teatro de texto existe, que é primordial, mas que não é o único apto a interrogar o nosso mundo, concebo espetáculos que procuram desenvolver uma dramaturgia contemporânea constituída a partir de problemáticas que nos habitam. Os temas muitas vezes abordados com uma doce ironia são-no através de diferentes tipos de textos (entrevistas, artigos, poemas, canções, listas de palavras)

que contribuem para a coerência narrativa cénica e se combinam com outros elementos do teatro (corpos, som, luz, vídeos).

Este princípio de escrita cénica repousa igualmente sobre uma relação privilegiada entre o espaço de representação, a cenografia e os corpos que são postos em cena. Concebo dispositivos cénicos que são tanto cenários quanto oficinas de trabalho, “espaços-viveiros” para estudar microcosmos humanos. Os meus espetáculos alimentam-se de referências heteróclitas que vou buscar à literatura, às ciências humanas, às artes plásticas, à música, ao cinema, à banda desenhada, etc. No quadro de certos projetos utilizo materiais pedidos de empréstimo ao “real” (testemunhos coligidos, entrevistas). A ideia de partida é muitas vezes pretexto para experimentações, do processo de criação à representação, preservando a ambiguidade verdadeiro/falso, real/artificial, ilusão/verdade. A flutuação do que está vivo...

De há oito anos para cá, podemos representar com regularidade as peças assim criadas, e o mesmo aconteceu com as formas breves ou performativas. Desde a primeira criação, tivemos a sorte de poder difundir os meus espetáculos de forma muito alargada em França e de poder encontrar públicos diversificados: Centros Dramáticos Nacionais e outros teatros públicos, festivais, centros culturais, recreativos e comunitários, associações de bairro, apartamentos particulares, etc. Para além disso, alguns projetos foram especificamente concebidos para locais

ao ar livre: espaços urbanos, parques e jardins, florestas, etc. Os espetáculos do Vivarium Studio foram rapidamente programados em teatros e festivais no estrangeiro: Estados Unidos, Brasil, Alemanha, Suíça, Polónia, Letónia, etc. Estas colaborações com palcos internacionais prosseguiram e consolidaram-se com as criações mais recentes: *L'Effet de Serge*, *La Mélancolie des dragons*, *Big Bang*.

Philippe Quesne

Philippe Quesne

Philippe Quesne (nascido em 1970) concebe um teatro laboratório cujo engenho é o de modificar as convenções de género e conseguia criar um universo de contornos incertos, entremeando sonho e matéria, som e palavras, fumo e luz, sólido e grupo.

Depois de uma formação em artes plásticas e uma dezena de anos como cenógrafo de teatro e de exposições, Philippe Quesne funda a companhia Vivarium Studio em 2003, reunindo um grupo de trabalho composto por atores, artistas plásticos, músicos e um cão. Os espetáculos de repertório (*La Démangeaison des ailes*, 2003; *Des Expériences*, 2004; *D'après nature*, 2006; *L'Effet de Serge*, 2007; *La Mélancolie des dragons*, 2008 e *Big Bang*, 2010) foram apresentados em vários países, e são objeto de coproduções internacionais desde 2007.

Em 2011 cria *Pièce pour la technique du Schauspiel de Hanovre* para a equipa técnica permanente do teatro. Em 2012, é convidado pelo Pavillion do Palais

de Tokyo para criar uma forma cénica em colaboração com os dez artistas e curadores residentes.

Paralelamente, Philippe Quesne cria *performances* e intervenções no espaço público ou em zonas naturais, e expõe as suas instalações no quadro de exposições. Publicou igualmente quatro livros: *Actions en milieu naturel* (2005), *Petites réflexions sur la présence de la nature en milieu urbain* (2006), *Thinking about the end of the World in costumes by the sea* (2009), *Bivouac* (2011).

É convidado regularmente a conceber a programação artística de acontecimentos, nomeadamente o festival tjcc (très jeunes créateurs contemporains) no Teatro de Gennevilliers em 2012 e 2013.

Em 2013 vai criar uma peça com quatro atrizes japonesas no Teatro Komaba Agora de Tóquio, bem como uma peça musical assinalando os dez anos da companhia.

www.vivariumstudio.net



Culturgest, Espaço CarbonoZero

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

Secalharidade

Uma conferência-*performance*
de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio
Espetáculo integrado
no alcantara festival

**Conferência-Performance Sex 1, sáb 2,
dom 3 junho** Pequeno Auditório · 21h30
Duração aproximada: 2h · M12



© Patrícia Almeida

Produção RE.AL Coprodução Culturgest
Parceria alcantara festival

Estamos aqui para tomar uma posição e para partilhá-la em *com-posição*, em “modo encontro”. É da matéria explicada e re-situada deste comparecer recíproco que ambicionamos extrair uma via para resistir. Para *re-existir*. Uma via para contornar o estado de refém em que a lógica da representação nos encerra. Uma maneira de *traí-la*, apenas o suficiente para devolver o encontro ao plano do uso. Não para negá-la, nem para afirmá-la – já que as máquinas do Não e do Sim só iriam reforçá-la, mas para fazer *com* ela. Para retroceder ao invés de avançar, estancando a cinética moderna do saber, proliferada e agravada, hoje mais do que nunca, no vício colecionista do “isso é isto” e no *loop* politicamente correto do “isso é isto ou isto, ou ainda isto...” Entretenimento que nos imuniza num desperdício *ad*

nauseum de respostas que, entretanto, se esquece de questionar a pergunta.

Condição mínima: não faltar ao acontecimento e, sobretudo, chegar *atempadamente*. Desarmados de respostas prévias, disponíveis para *flagrar* no Óbvio a emergência de uma outra pergunta. Desativar a expectativa e todos os seus duplos – desejos de controlo e manipulação – que, por norma, nos fazem chegar adiantados ao “saber” e atrasados ao “que sabe” o encontro. Ativar, no seu lugar, um estado de *secalharidade*, uma espera distraída de todos os *parti pris*, que se adensa à medida que nos empenhamos numa estimativa recíproca, numa abertura ao “acidente” do Outro. Ativar ainda, uma responsabilidade filigranar, ética do manuseamento atento, em vez da apatia, da não-comparência, de um fugir generalizado, da desistência desiludida.

Estamos aqui, pois, a propor um *entre-tenimento*. (...)

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca estagiária

M^ª Rita Martins estagiária

Marta Ochôa estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Leonor Guerra estagiária

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Teixeira estagiária

Inês Raimundo estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
